

# **A Pesquisa Museológica no Museu Casa de Rui Barbosa**

Claudia Barbosa Reis

NO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA, CUJO ACERVO COMPÕEM-SE de 1470 itens, partimos do objeto como fonte documental para a realização de um estudo que termina por embasar uma série de leituras. Foi essa a linha que escolhemos para trabalhar e é ela que tem gerado as publicações que chamamos de Estudos sobre o Acervo.

Engana-se quem pensa que a pesquisa museológica é a que alimenta a ficha técnica. Não é. Mas é nela, na ficha, e na base de dados, que nasce a pesquisa museológica. Porque essa pesquisa parte do objeto catalogado para ampliar o conhecimento sobre a sua inserção no mundo. Por meio dela passamos a observar cada objeto por seus múltiplos aspectos.

Diz-se em Literatura que a sua matéria prima é o mundo, é universal. Da mesma forma ocorre com os museus. Sua matéria prima – os objetos, não importa qual seja a sua natureza, remete ao mundo relacionando-se a tudo o que o conhecimento humano abarca. A leitura de um objeto assemelha-se à leitura de uma obra literária. Estarão ambos sempre sujeitos a uma visão subjetiva, que é a do receptor. O receptor interpreta o objeto da mesma forma que o leitor interpreta o texto literário.

Acredito que, vendo por essa perspectiva, a função do museólogo seja semelhante à do crítico literário, que oferece ao leitor possíveis análises interpretativas da obra. Repouso

meu pensamento nos estudos de crítica literária e cito Elizabeth Ravoux Rallo<sup>1</sup> que enumerou as questões ligadas à origem da crítica literária e à estética da recepção.

As teorias semióticas privilegiam o estudo e a função da construção e da desconstrução do texto (objeto) quando se produz o ato de leitura. O seu funcionamento se explica levando-se em consideração o papel do destinatário na sua compreensão, atualização e interpretação.

No caso da leitura museológica, a construção ocorre no momento da catalogação, quando o objeto passa a ser encarado como pertencente a esse ou aquele ramo do conhecimento, classificado segundo uma hierarquia – classificação para a qual se usa muitas vezes um tesouro e vocabulários sistematizados. E a desconstrução ocorre no estabelecimento de descritores ou de assuntos correlatos. Esses dois momentos, de construção e desconstrução formatarão a pesquisa museológica.

O museólogo analisa, lê o objeto, e retira dele as possíveis interpretações, de acordo com as suas próprias possibilidades ambientais, culturais e tecnológicas. Ou seja, as interpretações estarão sujeitas ao ambiente cultural e às possibilidades de uso de tecnologia em que o pesquisador está inserido. Os desdobramentos da leitura serão equivalentes à capacidade de desdobrar; as interpretações passam pelo processo de construção e desconstrução do texto – no nosso caso do objeto, como condição para que o ato de leitura se produza, e incluem algumas questões que devem ser enfrentadas: as interpretações que não são oriundas de conhecedores do assunto devem ser aceitas, em nome da liberdade de leitura? Todas as abordagens são legítimas? As abordagens são compatíveis, complementares ou exclusivas?

Uma situação quase que cotidiana exemplifica o processo: ao partir de uma ficha de um objeto catalogado nos anos 70 ou 80, que interessa ao universo que deliberei por pesquisar, recorro à *Internet* onde, em minutos, encontro informações em nível variado

<sup>1</sup> Rallo, Ravoux Elizabeth. *Méthodes de Critique Littéraire*. Paris, Armand Collin, 1993.

de profundidade, que rapidamente me remetem a outros caminhos de busca. As respostas vêm sob a forma de textos em PDF, bibliografia, imagens, citações, oferecidas aos olhos em menos de meia hora. Mas mesmo essa busca, via *web*, também é ponto de partida e assemelha-se a um mapa, onde escolherei o caminho a ser trilhado.

O objetivo final da pesquisa museológica é que, uma vez conhecido o objeto em seus aspectos materiais e históricos – do que a ficha técnica dá conta, sejam levantadas as possibilidades de sentido e pertencimento a um universo que pode ser o do circuito, o de uma exposição, o de um texto, mas principalmente o da vivência do receptor final – o visitante.

Numa crônica publicada no *Jornal do Brasil* de 15 de novembro de 1973, *Carlos Drummond de Andrade* traduz com perfeição a relação objeto-visitante, falando do automóvel de Rui Barbosa, então exposto temporariamente no saguão da Caixa Econômica Federal. Percebe e explica com delicadeza a forma como ocorre a percepção e a transmissão do conhecimento que o objeto encerra. Vale a pena a leitura do texto completo, mas vou citar apenas o seu final.

O fato é que o basbaque, sem perceber, passa da contemplação do monstro de rodas para o conhecimento visual do fenômeno Rui, numa exposição que reúne o doméstico ao mundial e documenta a estranha mistura de grandeza e fragilidade de um destino humano.

A ligação da qual fala Drummond é obtida com os recursos fornecidos pela pesquisa. Naturalmente o *insight* é possível à mera visão do objeto, no entanto, todo o conhecimento que dele é extraído pelo pesquisador-museólogo, garantirá a ocorrência do instante de iluminação. A pesquisa museológica recolherá os elementos que permitirão que o observador remeta aquilo que está vendo às suas experiências pessoais. E tão somente quando o objeto fizer sentido dentro do quadro cultural e social em que vive o observador, ele compreenderá a mensagem ali contida.

A série de publicações sobre o acervo museológico da Casa de Rui Barbosa começou com os objetos decorativos. O corte escolhido foi a caracterização de objetos utilitários

que têm também, e especialmente, como elementos constitutivos as formas belas e elegantes e os materiais nobres. A idéia do primeiro volume foi estabelecer na Casa de Rui Barbosa o que são e quais são os objetos decorativos.

O segundo volume trata da coleção de indumentária do museu e procura situar Rui Barbosa e sua esposa, Maria Augusta, como usuários de moda.

No terceiro volume, editado na comemoração do sesquicentenário do nascimento de Rui tratou-se da forma como foi ele homenageado em vida e após a morte e da variedade de objetos criados com esse objetivo.

O quarto volume inseriu os objetos do acervo da Casa ligados à higiene pessoal e à saúde no Rio de Janeiro do tempo de Oswaldo Cruz, ressaltando ainda as condições de higiene do imóvel e os hábitos da família Rui Barbosa.

O quinto volume trata das viaturas do acervo incluindo – as num panorama dos meios de transporte do Rio de Janeiro. Aborda em especial o automóvel Benz que pertenceu a Rui Barbosa.

Está em elaboração, dentro desse tema e, partindo um pouco da crônica de Carlos Drummond de Andrade um estudo do automóvel enquanto peça de museu. Pois chegado à Casa de Rui Barbosa em 1936, o Benz foi fotografado em diferentes situações, inspirou outras tantas, e essa relação objeto – visitante é que será abordada. Provavelmente não num livro, mas numa exposição, num enfoque museográfico ou na página da Fundação Casa de Rui Barbosa, não sabemos ainda.

Na mesma linha de pesquisa estamos realizando um estudo sobre a própria museografia aplicada à Casa de Rui Barbosa desde a sua criação. O estudo teve início com uma pesquisa sobre o revestimento das paredes de cada um dos aposentos da casa – em pintura ou papel. O produto dessa pesquisa foi a própria restauração dos ambientes e a reconstrução do circuito à medida em que as verbas permitem .

Em 2006 é projeto nosso, dentro desse espírito, o levantamento cronológico da museografia de cada um dos aposentos do museu-casa. A pesquisa será acompanhada por um seminário ou um curso sobre o tema e visa à publicação de um texto teórico. O desdobramento desse estudo será uma análise do visitante do museu, do seu comportamento e da sua reação através do tempo. Pensamos partir dos primeiros livros de visitantes, que além das assinaturas colhiam também impressões, para, de posse desse escopo da história da museografia da Casa, elaborar um estudo sobre a evolução do nosso visitante. A idéia de historizar a visitaçao do museu não é minha e sim da geógrafa Maria do Perpetuo Socorro Rocha, hoje aposentada, que iniciou os trabalhos de estatística e análise de visitaçao do museu Casa de Rui Barbosa. Ela coletou e armazenou também os dados sobre os serviços educativos da Casa, que agora também são alvo de estudo da colega Aparecida Rangel.

Acredito estar deixando bem claro que, de maneira alguma a pesquisa museológica está restrita ou subalterna a uma ficha catalográfica. Ela é tão livre quanto a imaginação permita pois a partir do abajur alemão cuja haste é a figura da bailarina Loie Fuller posso chegar tanto aos estudos pioneiros do uso da eletricidade, inclusive a cenográfica, quanto à história da dança, do *art-nouveau*, do prateamento por via eletrolítica, para falar dos temas que à primeira vista sobressaem.

Trato nesta palestra especificamente da pesquisa museológica no Museu Casa de Rui Barbosa, mas ultrapassando um pouco essa fronteira gostaria de falar do outro acervo museológico da Fundação Casa de Rui Barbosa, que é o pertencente ao Arquivo-museu de Literatura Brasileira. Foi nele que colhi os dados para a minha dissertação de mestrado, sobre Pedro Nava e a sua visão do Rio de Janeiro. Não colhi esses dados exatamente nos objetos que compõem o acervo, mas naqueles que compõem as obras literárias ali depositadas. A forma como determinados autores, Pedro Nava entre eles, encaram os objetos constituintes de seus cotidianos é também fonte de pesquisa museológica.

Na obra de Pedro Nava encontrei uma visão de objeto semelhante a aqui descrita, e cito um trecho de <sup>2</sup> Baú de Ossos:

Penso por exemplo em um livro. A mente vagabunda me leva à capa, à encadernação. Encadernar, papelão. Este a papel velho, a velho apanhador de papel, a mendigo, ente miserável. E lá vou... De encadernar poderia ter ido a couro em vez de papelão. Mas o couro foi escamoteado por causa daquele divã de couro de certa casa da rua da Bahia – o que mais valia recalcar e deslembrar.

Nava calcava seus textos, muitas vezes, em chaves enumerativas. Fazia uma lista de palavras que usaria como baliza na redação final, como percebeu a Professora Marília Rothier em seus estudos. Fazia então o caminho contrário ao do museólogo que lê o objeto por meio da sua desconstrução, retirando dele as palavras-chaves.

Isso apenas demonstra que não há ponto final nesse tema. O mesmo objeto, visto por pessoas diferentes, em épocas e espaços diferentes, gerará sempre interpretações diferentes. Essa leitura dos objetos estará sempre ligada ao ambiente dos museus, instituição que tem como função conservar e estudar os produtos materiais do saber humano.

<sup>2</sup> Nava, Pedro. *Baú de Ossos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1972